UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA NO TRABALHO COM AUTISMO EM SALA DE AULA.

D. E. TAVARES¹ e JESUS, L. D. S de.²

¹ Pós-Doutora em Educação pelo GEPI - Grupo de Estudos em Pesquisa Interdisciplinar da PUC/SP; Diretora Pedagógica do CEFOR – Centro Formador da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo; Pesquisadora do UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo e Estácio de Sá – São Paulo, Brasil.

² Graduada em Pedagogia - Universidade da Cidade de São Paulo- UNICID; Psicopedagoga, pelo UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil.

E-mail: dircetav@uol.com.br ; luciarasantossilvadejesus@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

D. E. TAVARES¹ e JESUS, L. D. S de.² **Uma visão psicopedagógica no trabalho com autismo em sala de aula** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.7, n.3, p. 96-115, jul/2017.

RESUMO

Esta pesquisa procurou o olhar de um psicopedagogo para orientar os professores que tem crianças portadoras de autismo em sala de aula, do ensino regular, a fim de alcançar resultados significativos no processo ensino e aprendizagem. Esse trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, buscando entender, como fazer quando os profissionais da educação, recebem um aluno autista, em sua sala de aula. Concluiu-se que os professores devem realizar atividades que promovam a interação, a socialização e a relação de afetividade desses alunos. Assim os professores poderão alcançar os resultados esperados no seu processo de ensino e aprendizagem. Foi possível entender, também, que o estímulo precoce e a boa relação familiar é fundamental para contribuir no desenvolvimento um melhor aprendizado.

Palavras-chave: psicopedagogia, aprendizagem, estímulo, resultados.

ABSTRACT

This search looked for the store of a psychopedagogue to direct the teachers that have children that bear autismo in the classroom of regular education in order to hit means results in the processo of education and learning. This work was made into way o fone quality search, seeking understand, how to do when the profissionals of education, receive a autist student, in the classroom. Done that the teachers have to realize activities that promote the interation, the convivial and the relation of affective of the students. So the teachers will can hit the results waited in the processo of education and learning. Was possible to understand also that stimulate precocious and a good relation from Family is fundamental to help in the develop a better learning.

Keywords: psychopedagogy, learning, stimulate, results

1 INTRODUÇÃO

A preocupação central deste trabalho é entender a maneira pela qual a educação pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social da criança com autismo, qual o papel do professor e do psicopedagogo nesse processo.

Com isso, a pesquisa busca contribuir para modificar a postura do professor, promovendo a inclusão de uma forma mais adequada afim de facilitar a participação ativa da criança autista no processo de ensino e aprendizagem. Além de incentivar o trabalho com recursos pedagógicos diferenciados e atividades dinâmicas dando um maior significado para aprendizagem dessas crianças.

Podemos conceituar autismo como uma dificuldade de relacionamento recíproco que algumas pessoas apresentam desde o início de suas vidas. Entende-se que o autismo se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda vida, apesar de ter maior incidência em crianças. Cerca de 70 milhões de pessoas são acometidas pelo transtorno, no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas – ONU (2006).

De acordo com Almeida (2010), especialista em autismo, o autismo pode ser melhor identificado, pelo déficit da interação social, que pode ser associado tanto com dificuldades de comportamento, como de linguagem. Ela explica que atualmente existem inúmeros estudos e teorias que buscam entender como o autismo atinge o campo clínico e educacional das pessoas com a síndrome. Dentre elas, destacam-se ABA – Análise do Comportamento do Indivíduo, Teoria da Mente, Currículo Funcional Natural – PEI – Plano Individual de Ensino, Teoria

Montessoriana, Modificabilidade Cognitiva Estrutural, Mediação, dentre outras.

Porém o quadro que o Brasil apresenta na área de inclusão ainda é muito deficitário. Pouco se vê, do processo inclusão no país, o que mais se apresenta é um quadro de inserção de crianças com necessidades especiais em ensino regular, porém sem qualificação profissional adequada para o atendimento desses alunos.

De acordo com Vygotsky, na revista Pepsic, são as interações sociais que promovem o desenvolvimento psicológico individual, inclusive nas dimensões psicológicas superiores, portanto quanto mais ampla e diversificada, maior a riqueza no processo de construção do conhecimento. Ele ainda defende uma escola inclusiva, onde as crianças com necessidades especiais possam ter a oportunidade de interagir com outras crianças.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 64) estabelece que:

Todas as pessoas com necessidades especiais têm o direito a igualdade de oportunidades, com isso se faz necessária a inclusão dessas pessoas ao ensino regular, afim de que elas possam adquirir as mesmas oportunidades de se socializar. Sobretudo as crianças, para que possam trocar experiências tidas como normais à sua faixa etária.

As crianças com necessidades especiais, com educação diferenciada, foram inseridas nas escolas sem haver uma formação pertinente para que os profissionais responsáveis, as recebessem. Isto ocasionou uma série de equívocos e insegurança por parte dos mesmos. Daí a necessidade de se discutir e analisar a situação e atuação de um professor que atende, entre outras várias necessidades, criança com autismo em sala de aula.

É preciso conhecer o universo do autista. Isso trouxe uma série de debates e reflexões acerca do tema abordado nesta pesquisa. A preocupação foi apresentar os desafios para a atuação do professor ao realizar a inclusão do aluno autista numa sala de aula de Ensino Regular. O estudo busca entender como intervir significativamente para que o aluno autista possa superar os desafios como a inter-relação pessoal, relação aluno X aluno e aluno X professor, bem como compreender as dificuldades em aprender regras sociais e de boa convivência e na facilitação para a utilização da linguagem verbal.

A psicopedagogia acredita num diálogo com os professores e com os pais desses alunos, a fim de conhecer a rotina e o perfil de cada um deles. Esse diálogo deve servir também para formar parcerias famílias e educadores, onde os pais irão, não só acompanhar de perto o desenvolvimento de seus filhos, mas participar como agente ativo na educação e desenvolvimento deles, facilitando e priorizando a troca de informações pertinentes ao desenvolvimento desses alunos.

2 OBJETIVOS

- Identificar como o professor que recebe aluno com autismo em sala de aula deve agir para fazer um acompanhamento necessário para desenvolver uma educação significativa;
- Analisar a realidade dos alunos autistas em sala de aula do ensino regular, sua relação com o meio social, com sua família, com seu educador e a função do psicopedagogo nessa relação;
- Compreender como formular ações que se evidencie a mediação entre o psicopedagogo e a escola.
- Entender sobre desenvolvimento cognitivo de crianças com síndrome do autismo.

3 METODOLOGIA

Esse trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, que busca analisar e desenvolver uma preocupação em contribuir com a realidade dos alunos com autismo numa sala de aula do ensino regular, possibilitando uma ação transformadora e interdisciplinar.

De acordo com Fazenda, Tavares e Godoy (2015) o que importa na pesquisa qualitativa é produzir um conhecimento que além de útil possa agregar um projeto ético que vise o crescimento, a autonomia e a criatividade.

Já Reis (2005) afirma que a pesquisa qualitativa é aquela que defende a ideia, de que para criar a construção do conhecimento acerca dos fenômenos humanos e sociais, compreender os fenômenos existentes é mais importante do que explicá-los ou descrevê-los. E que os paradigmas qualitativos têm mais valor no tratamento desses fenômenos.

Essa pesquisa traz uma leitura de caráter interdisciplinar, por entender que busca uma mudança de comportamento e atitudes sociais e educacionais.

Segundo Fazenda, Tavares e Godoy (2015), a perspectiva do caminho interdisciplinar na pesquisa nos estimula a sair dos muros da academia e adentrar na vida das comunidades e do ambiente pesquisado, adquirindo um melhor entendimento social do seu próprio eu. A pesquisa interdisciplinar tem um olhar amplo no desenvolvimento de pesquisas mais audaciosas e libertadoras, sem deixar de ser cautelosa e rigorosa.

Essa pesquisa busca proporcionar uma reflexão crítica sobre o assunto. Daí a escolha de uma abordagem qualitativa, onde pela pesquisa de campo, pode-se melhor observar como ocorre a inclusão de crianças autistas.

Esse trabalho foi realizado mediante análises teóricas com leituras, examinando livros educacionais, artigos científicos e pesquisas. Por meio dessas fontes, a proposta foi buscar informações que pudessem acrescentar dados relacionados à inclusão de crianças autistas do ensino infantil.

4 CONCEITOS DE AUTISMO E PRÁTICAS ESCOLARES

O autismo é classificado como Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), podendo ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento intelectual, independente da raça ou etnia do indivíduo. Geralmente apresenta sintomas entre 18 a 24 meses de vida.

No material do MEC (2010), diz que autismo é explicado e descrito como um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano. Essa explicação permitiu que o autismo não tivesse mais aquela visão de psicose infantil. Termo que causava cicatriz para as famílias e para o próprio autista (SALA e ACIEM, 2013).

Em 1911 o nome “autismo” foi adotado pelo psiquiatra Eugen Bleuler, afim de descrever um dos sintomas da esquizofrenia. Vinte e nove anos mais tarde, Kanner e Asperger tornaram-se os pioneiros nos estudos do autismo.

Muito estudo tem sido feito no mundo todo, mas as causas ainda são desconhecidas. Alguns transtornos neurológicos e/ou genéticos foram descritos como sintomas de autismo. Isso significa que não se sabe ao certo o que causa o autismo e não existe até hoje um método organizado para chegar a uma definição correta. O diagnóstico é feito

pelo médico, (neurologista/psiquiatra) através de exame clínico, com base em observação das características do indivíduo.

No ano de 2007, estava tramitando um projeto de lei no Rio de Janeiro, a qual deu origem a lei n. 4.709, de novembro de 2007. Esse projeto visa como fazer um diagnóstico precoce, por meio das consultas de puericultura em bebês recém-nascidos, a fim de acompanhar seu desenvolvimento. Essa foi a primeira lei municipal do Brasil, em defesa dos direitos das pessoas com autismo.

Em 19/08/2010 após um longo período de lutas, a AUMA (Associação dos Amigos da Criança Autista) consegue que a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo promove o seu pedido de autorização de funcionamento do Ensino Fundamental-1º ao 5º ano, modalidade Educação Especial, junto ao CEAACA- Centro Educacional da Associação dos Amigos da Criança Autista “Nathália Boralli” destinado ao atendimento exclusivo de alunos portadores de Autismo e Síndrome de Asperger (BORELLI, 2014, p. 15).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2015), a garantia de atendimento educacional especializado à crianças e adolescentes com necessidades especiais é obrigação do Estado, especialmente na rede regular de ensino.

A solução para atender essa lei é a inclusão. A inclusão, no entanto, não deve ser confundida com integração. Entende-se que o aluno com necessidades especiais não conseguirá acompanhar o restante da turma através dos métodos convencionais de ensino. Ele irá depender de métodos especiais que garanta o aprendizado, sobretudo o aluno autista.

a) Características do autista

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. Um transtorno definido por alterações que afetam a capacidade do indivíduo. Sendo apresentado no grau mais severo, que no caso não fala, não olha e não demonstra interesse em relacionamento. Os mais leves têm capacidade de integrar a uma profissão, frequentar uma sala de aula normal, e ter vínculos com outras pessoas.

De acordo com Silva, Gaiato e Reveles (2012), autismo pode vir também acompanhado por outros distúrbios como: depressão, epilepsia e hiperatividade. Dentre as suas principais características destacam-se:

- Apresenta agressividade ao ser tocado;
- Resistência a mudança de rotina;
- Apresenta um desenvolvimento impróprio para a sua faixa etária;
- Apresenta movimentos motores repetitivos;
- Insiste em apenas um determinado tipo de alimento, roupa e/ou objeto;
- Apresenta dificuldade de socializar-se com outras crianças;
- Apresenta crises de risos ou choro incompreendidos;
- Apresenta comprometimento da linguagem oral;
- As vezes não esboça reação a estímulos sonoros;
- Evita o contato olho no olho, dentre outras.
- A criança não desenvolve uma relação apropriada à sua idade com outra criança.

Importante lembrar que as características aqui apresentadas, são comumente encontradas na maioria dos autistas, porém não existe uma regra para o aparecimento delas, isso varia de indivíduo para indivíduo, dependendo do grau do autismo.

b) Brincadeiras e atividades para alunos com autismo

Entende-se que o aluno com necessidades especiais não conseguirá acompanhar o restante da turma através dos métodos convencionais de ensino.

Ele dependerá de métodos especiais que garantam o seu aprendizado (ALMEIDA, 2010, p. 26).

O sentido geral da inclusão é garantir a socialização de crianças com a mesma faixa etária, a fim de promover a troca de experiências, a mesma qualidade de ensino, bem como igualdade de oportunidades.

Sabemos que isso não é uma tarefa fácil, já que as crianças de inclusão foram chegando nas salas do ensino regular sem que haja qualquer planejamento a fim de facilitar o atendimento a esses alunos. Normalmente, não também investimentos adequados para garantir a melhoria do atendimento. Isso resulta numa intensa queda de braço entre professor, escola e poder público e até agora não foi alcançado um denominador comum.

Enquanto isso as escolas podem contar com brincadeiras e atividades que auxiliam no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos alunos autistas em sala de aula. Mendonça e Flaitt (2013) citam algumas brincadeiras. São elas:

Futebol em dupla

Objetivo da brincadeira: Estimular a socialização e o desenvolvimento dos movimentos corporais.

A brincadeira funciona, de acordo com a Revista Ciranda da Inclusão (2010), da seguinte forma:

- Todos os alunos são organizados em dupla, de mãos dadas e juntos começam a jogar. Com essa maneira de jogar, o autista começa a aprender o que fazer ao jogar.

Brinquedo de contar

Material:

1 caixa de sapatos;

10 tampinhas de garrafa pet;

1 pregador;

Tarjetas com números de 0 a 10.

Objetivo:

Promover ao aluno autista a interação e a busca de novos conhecimentos, facilitando como registrá-los.

Como jogar:

Formar duplas com todos os alunos, um jogador fica com a caixa, o outro fica com a tarjeta, as tampinhas e o pregador. O aluno precisa jogar a tampinha e acertar dentro da caixa. Quando acertar, ele deve pegar o pregador e fixá-lo no número 1 da tarjeta. Continuar até conseguir acertar todas as tampinhas e marcar o número 10 da tarjeta. Quando chegar no término, deve-se trocar os papéis no jogo.

Brincando de roda

Objetivo:

Estimular o contato visual.

Material: colchonetes.

Metodologia: Distribuir um colchonete para cada trio formado pelos alunos. Os alunos inventarão brincadeiras que os façam rodar, como rolar sobre ele, por exemplo. Depois das primeiras tentativas, solicitar ao aluno que olhe em seus olhos nas próximas brincadeiras.

Brincar de cantar

Objetivo:

Estimular o contato visual, a memória e a musicalidade.

Material: imagens que representam as músicas favoritas da turma.

Metodologia: agrupar os alunos em um ambiente no qual as imagens possam ser expostas, mas que fiquem fora do alcance deles. Apontar para a imagem e perguntar qual música ela faz lembrar. Incentivar o aluno com autismo a olhar para você e tentar fazê-lo cantar a música.

Cabe a escola, porém, adaptar-se a real necessidade do aluno, buscando mudanças nas estruturas físicas, na capacitação de profissionais, obtenção de recursos na relação família x escola, requerer o auxílio de um professor-assistente que prestará o apoio necessário em algumas situações, além de orientações de um Psicopedagogo.

Importante esse profissional orientar o professor da classe, contribuir na organização da rotina, na elaboração das estratégias e na escolha de recursos de acordo com o perfil de cada um desses alunos.

Existe também os Centros de Apoio Pedagógico Especializados, criados com o intuito de fornecer suporte ao processo de inclusão. Esses meios ajudam o professor no atendimento aos alunos de inclusão, como o autismo dentre outros. O aluno autista precisa ver gestos e repetições de ações para o desenvolvimento nas brincadeiras ou outras atividades propostas.

5 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA COM AUTISMO

São várias as etapas do desenvolvimento cognitivo, descrito por Piaget como um processo de equilibrações sucessivas. Esse processo apesar de continuo é caracterizado por várias etapas ou estágios que

são apresentados de acordo com a faixa etária da criança (DAVIS e OLIVEIRA (1994, p. 32). São eles:

Sensório motor: É o primeiro estágio. Vai do nascimento até 2 anos aproximadamente. Nesse estágio a criança tem como base percepções sensoriais e esquemas motores para interagir com o mundo.

Pré-operatório: Esse estágio é marcado especialmente pelo aparecimento da linguagem oral. Ele é responsável por agregar a experiência adquirida no estágio anterior à possibilidade de adquirir esquemas representativos.

Operatório concreto: Ocorre por volta dos 7 anos de idade. É a fase em que o pensamento lógico adquire pré domínio. O pensamento se torna menos egocêntrico, e a criança é capaz de construir um conhecimento mais compatível com o mundo que a rodeia. Com isso o real e o fantástico não mais se misturam.

Operatório formal: É adquirido por volta dos 13 anos de idade, e caracterizado pela capacidade de raciocínio lógico, mesmo que incoerente em algumas situações. Nessa fase o indivíduo não é mais prisioneiro da realidade concreta.

Ressaltando que Piaget apontou essas fases para sequenciar o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Porém a passagem de um estágio para o outro não depende exclusivamente da faixa etária, mas também das relações sociais, da maturidade do sistema nervoso e das experiências físicas. Salientou as relações sociais, porém, imprimiu ênfase as equilibrações e a maturidade.

Já para Boralli (2014, p. 47), a maneira de apresentar o mundo para um autista, acontece de maneira diferenciada, e esta forma é composta por três fases, como se vê abaixo:

A primeira fase é de **apresentação**: Essa é a fase em que se apresenta um objeto à criança, por meio do nome, fato ou ação, mas sem que haja qualquer cobrança.

Na segunda fase a criança é capaz de demonstrar certo entendimento a respeito do objeto apresentado. É capaz, também, de buscar, pegar ou apontar um objeto quando solicitado. É chamada fase do **apontamento**.

A terceira fase, é a fase da **nomeação ou realização**: A criança que fala, é capaz de dizer o nome de um objeto mostrado ou realizar sozinha a ação.

Boralli também diz que essas fases ocorrem para todo o aprendizado, seja ela de um objeto, de uma ação ou a formulação de um raciocínio matemático.

Com isso se entende que a mudança de fases ou estágios de um autista não depende de sua idade cronológica ou maturação, como acontece no desenvolvimento natural do indivíduo, apontado por Piaget.

Para reforçar habilidades e comportamentos adequados deve-se utilizar objetos do seu interesse, em vez de estímulos verbais, como elogios. No entanto os distúrbios apresentados pelo autismo, podem ser amenizados por estímulos precoces.

6 IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR

A escola é um espaço importante para a formação do sujeito, já que pode auxiliar em uma reorganização do psiquismo, na medida em que lhe atribui um lugar social, um lugar de sujeito.

Segundo Nana Correia, em seu artigo (2017), é a partir das experiências clínicas e das pesquisas já realizadas, que a entrada na

escola pode promover efeitos, inclusive terapêuticos, nas crianças que apresentam entraves na constituição psíquica. A inclusão no contexto escolar oferece um lugar social para elas. Na escola, elas deixam de ser doentes, autistas, para ocupar o lugar de crianças. É o lugar de crianças que aprendem.

As crianças autistas em idade escolar que são incluídas em escolas regulares, de forma geral, causam grande impacto na equipe escolar quando deparam com as situações de aprendizagem. A primeira reação dos profissionais da escola é de angústia e desespero, pois não se sentem preparados para lidar com esse tipo de inclusão escolar que desafia a ordem e a metodologia.

A função social da escola é promover um ambiente escolar democrático, que respeite os direitos humanos e traga vivências pedagógicas que possam contribuir com a inclusão. Criar uma forma de educação que parta das necessidades e interesses dos alunos, favorecendo assim a construção do conhecimento.

A psicopedagogia tem por objetivo estudar, compreender e cooperar na aprendizagem humana. Estando presente desde a infância a fase adulta. A psicopedagogia se encontra sempre onde há aprendizagem.

O psicopedagogo não é um milagroso, mas tem um olhar diferenciado para compreender a aprendizagem humana, procurando analisar cada questão, seja ela cognitiva, afetiva ou social. Assim, podendo colaborar com a escola em diversos fatores de ação.

A psicopedagogia clínica, quando procurada é necessária uma intervenção curativa, isso significa que as dificuldades de aprendizagem já são existentes. São transtornos que impedem o aprendiz de aprender. Quando necessário, a família e a escola devem buscar a orientação do psicopedagogo, junto com outros especialistas.

A psicopedagogia institucional tem a função de orientar e sensibilizar os professores a ter um olhar minucioso na compreensão de ensinar e contribuir com as mudanças necessárias em seu processo de construção do conhecimento. O psicopedagogo nunca atua sozinho, sempre em parceria com a família e a escola, só com essa parceria é que pode haver transformações significativas.

7 CONCLUSÕES

Ao receber uma criança autista em sala de aula, sempre causa um transtorno para os profissionais da área de educação. A preocupação é como entender o funcionamento e o processo de educação desses indivíduos, quais intervenções são eficazes para fazê-los desenvolver-se. É sempre um fator desafiante para esses profissionais. Entender as características, as limitações e os possíveis avanços, faz com que o professor que atende esses alunos em sala de aula, mude sua concepção acerca autista. É importante que o professor entenda que esse aluno veio à sala para transtorná-la e que o mesmo poderá alcançar a aprendizagem como os demais, mas alcançará de forma diferente.

O aluno autista é capaz de desenvolver sua aprendizagem tal como os outros, na sala de aula. O que ele precisa é de método e tempo diferenciado para realizar as atividades.

A incompreensão dessa realidade é que faz com que o professor não realize um trabalho capaz de atingir esse público-alvo. O professor precisa estar preparado para saber lidar em casos de apatia ou agressividade, bem como outros comportamentos inadequados, a uma rotina escolar. Isso ajudará combater os preconceitos que a sociedade, muitas vezes, formula e impõe.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. R. **Ciranda da Inclusão**. A Revista do Educador. São Paulo, Ciranda Cultural, 2010.

BORALLI, Eliana Rodrigues. **Autismo Trabalhando Com a Criança e Com a Família**. 3. ed.; Edicon, São Paulo 2014.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 13. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo. Editora Cortêz, 1994.

FAZENDA, Ivani C.A.; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Hermínia P. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas: Papyrus, 2015.

MENDONÇA, Débora; FLAITT, Patricia Maura da Silva. **Educação Física Adaptada**. São Paulo, Editora Ciranda Cultural, 2013, pp: 103 e 106.

REIS, M. F. C. T. **Metodologia de Pesquisa**. Brasil: IESDE, São Paulo 2005.

SALA, Eliana; ACIEM, Tânia. M. (Orgs.) **Educação Inclusiva Aspectos Políticos – Sociais e Práticos**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2013.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo Singular, entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

SITES

GUIA DA INTERNET. Disponível em:
<http://www.scielo.org/php/index.php>. Acessado em: 03/04/2017.

Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

85572006000200011"pid=S1413-85572006000200011. Acessado em:
03/04/2017.

_____. Disponível em:
http://diversa.org.br/artigos/o-efeito-diagnostico-sobre-olhar-da-escola/.
Acessado em: 21/04/2017.

_____. Disponível em:
https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/. Acessado em:
23/03/2017.

_____. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/guia-de-tecnologias/edital-2010. Acessado em:
23/03/2017